

UMA CONVERSA ENTRE *SLAM* E UNIVERSIDADE EM QUATRO MOVIMENTOS DE POUSO: *CORAZONAR* UM TERRITÓRIO EM COMPOSIÇÃO DE SABERES

[A CONVERSATION BETWEEN SLAM AND THE UNIVERSITY IN FOUR LANDING MOVEMENTS: CORAZONATING A TERRITORY IN COMPOSITION OF KNOWLEDGE]

RENATA CASTRO GUSMÃOⁱ

ORCID 0000-0003-0416-1429

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, RS, Brasil

MARIA ELLY HERZ GENROⁱⁱ

ORCID 0000-0002-3330-2158

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo: Uma conversa entre *slam* e universidade, suas contribuições para o encontro, a formação e o cuidado. Uma tese em finalização, um território atravessado pela pandemia e reinventado de sentido pela escuta, com inspirações metodológicas na cartografia e na etnografia – fronteiras digitais. Quem dá a linha da conversa são *slammers* que compartilham suas poesias e ideias em *podcasts*. A escuta foi organizada em quatro movimentos de pouso. Movimentos provisórios, que se embaralham, complementam e se atualizam no tempo. A poesia para atravessar o cenário de espanto que nos assola.

Palavras-chave: *Poetry Slam*; Universidade; Pesquisa; Formação; Cuidado

Abstract: A conversation between poetry slam and university and their contributions to the encounter, formation and care. A final thesis, a territory crossed by the pandemic and reinvented in meaning by listening, with methodological inspirations in cartography and ethnography – digital borders. Who gives the line of conversation are slammers who share their poetry and ideas on podcasts. The listening was organized in four landing movements. Provisional movements, which are shuffled, complemented and updated in time. Poetry to cross the scenario of amazement that plagues us.

Keywords: Poetry slam; University; Search; Formation; Care

Poesia para atravessar o espanto

“A poesia deveria ser considerada uma atividade pedagógica de saúde pública no País.”

(PUCHEU, 2021a)

Este ensaio apresenta desfechos de uma conversa entre *slam* e universidade e suas contribuições para o encontro, a formação e o cuidado, um tripé atravessado pelas áreas do conhecimento da Educação e da Saúde Coletiva, extrapolando-as pela poesia. Um tema de pesquisa que tocou o corpo em praça pública. *Slam* e universidade, espaços recheados por presencialidades foram esvaziados por conta da pandemia do SARS-CoV-2, o “novo coronavírus”, que já se encontra em seu segundo ano. Os números de mortos seguem aumentando enquanto percorremos o alfabeto grego das variantes. E o que acontece com a pesquisa quando o campo é esvaziado? Ruas, praças, espaços públicos e salas de aula ganharam fronteiras digitais. Um território que foi reinventado de sentido pela escuta.

Para a escrita partimos da sensação no corpo, efeito-escuta da poesia que circulava em praça pública.

Daí uma convergência profunda entre performance e poesia, na medida em que ambas aspiram à qualidade de rito (...) Percebemos a materialidade, o peso das palavras, sua estrutura acústica e as reações que elas provocam em nossos centros nervosos. Essa percepção, ela está lá. Não se acrescenta, ela está. (ZUMTHOR, 2018, p. 48-51)

Sensação que se faz pedagógica em nós, “é a partir daí, graças a ela que, esclarecido ou instalado por qualquer reflexo semântico do texto, aproprio-me dele, interpretando-o, ao meu modo; é a partir dela que, este texto, eu reconstruo” (ZUMTHOR, 2018, p. 51).

Essa sensação que nos atravessa, chamamos de espanto, em conversa com Pucheu (2021b) que, por sua vez, dialoga com Platão, Descartes, Agambem, Arendt, entre outros, que trazem a poesia, a filosofia e seus indiscerníveis como uma forma de se encontrar com os impasses que reverberam do espanto, “passar no impasse, testando-o, explorando-o, alargando-o, sabendo que não pode ser superado por ser constitutivo do conhecimento e do pensamento” (PUCHEU, 2021b, p. 128). Tomamos o impasse, o

espanto, a aporia, o assombro, a admiração, que já são língua para poesia e a filosofia, como provocações para movimentar instituídos, como brecha para uma transformação político-pedagógica.

O declínio da política está atrelado ao fato de ela ter abandonado a poesia e a filosofia, abandonado de vez a criação, o pensamento, ao deixar-se de se espantar com a realidade quanto de dar realidade ao espanto, pois o espanto se coloca como uma intensidade do real que quer atravessar a própria realidade, envolvendo-a. (PUCHEU, 2021b, p. 134)

Era o segundo sábado de algum mês: “poesia contamina, *Slam da Minas!*”, ecoava o grito em vozes diversas enunciando um novo começo. Poesias que circulavam em uma arena de mulheres. Versos que falavam de amor, de ancestralidade, do machismo que assola existências, reivindicavam uma vida vivível, narravam outras versões para as velhas histórias coloniais, para que haja a “decomposição da história que só constrói um tipo de herói” (KIKA SENA, 2020). *Minas* que versavam sobre necropolítica (MBEMBE, 2018), denunciavam violências por conta da pobreza, do gênero, da sexualidade, da religiosidade e da cor. Rimas interseccionais (AKOTIRENE, 2019) embaralhadas ao sino da Catedral Metropolitana faziam tremer as estruturas duras dos poderes do Estado que cercam a Praça da Matriz, Porto Alegre/RS. Vozes que se aninhavam na garganta das mulheres e espalhavam “embriões de futuro” (ROLNIK, 2018) pela poesia, germinando para além das rodas, tal qual o fragmento do manifesto *Slam das minas/SP*:

Andamos de mãos dadas em meio a tanta ordem imposta. Marinheiros de primeira viagem não sabem navegar em nossas águas mornas. Pensa que reina mas cai fácil no canto da sereia. E quando seu mar não mais caber. Aceite e deixe fluir. Respeite e pare de oprimir. Agora nossa fala não tem freio. E viemos para mostrar. Que as manas tem palavra engatilhada pronta pra disparar. Prepare sua alma. Do jeito que entrou aqui, não mais sairá. Força matriz feminina que consta. Somos o *slam das minas, monas e monstras!* (DUARTE, RIBEIRO, ARAÚJO, 2020)

As sementes do *poetry slam*, ou simplesmente *slam*, como chamamos aqui, foram plantadas no ventre do *Get Me High Jazz Club* em Chicago/ Estados Unidos (1984), idealizado por Marc Kelly Smith, para fugir do circuito acadêmico da Poesia, “nos chamávamos de poetas malcriados”, contam Simith e Kraynak (2009, p. 9). Os autores enumeram cinco coisas que precisamos saber sobre o *slam* (2009, p. 5-6), as quais traduzimos e apresentamos a seguir, como apresentação desta conversa:

1. *Slam* é poesia. Não é ensaio, novela, ou pequenas histórias;

2. *Slam* é performance. Esta é a principal distinção do *slam* dentro do reino da Poesia (com P maiúsculo – a fusão da arte da performance com a arte de escrever poesia);
3. *Slam* é competição. É o público quem tem maior influência em relação ao que é considerado bom ou ruim (não um professor ou uma comissão para decidir o que é arte);
4. *Slam* é interativo. Incentiva o *feedback* do público, seu parceiro ativo, que participa em tudo o que acontece;
5. *Slam* é comunidade. Às vezes é como uma família, às vezes disfuncional, uma família internacional que gosta de celebrar a poesia.

“O *slam* quando surgiu na gringa, nos Estados Unidos, era em bar, em espaços fechados, aqui [no Brasil] o *slam* veio direto para rua, isso já marca um deslocamento em relação a cultura de *slam*” (LEAL, 2021a). O *slam* chegou no Brasil em 2008, trazido por Roberta Estrela D’Alva, em parceria com o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, como *ZAP Slam* (Zona Autônoma da Palavra). Em 2012 ganhou as ruas com o *Slam da Guilhermina* e 2014 com o *Slam Resistência*, intimamente relacionado aos “movimentos insurgentes” (ROLNIK, 2018, p. 25) da época, como as manifestações contra o aumento das passagens, as ocupação das escolas públicas e reitorias, chegando juntar entre 800 – 1000 pessoas na praça Roosevelt ao redor da poesia, como mostra o documentário *Slam resistência: uma ágora do agora* (SLAM RESISTÊNCIA, 2019).

As redes sociais têm um papel importantíssimo para a divulgação dos eventos e ampliação do alcance da poesia, para além do momento da performance, como contaram nos *podcasts* as *slammers* Tawane Theodoro (2020), Midria (2020) e Bixarte (2021), que tiveram a experiência de terem suas poesias viralizadas nas plataformas digitais. A internet que já era uma importante ferramenta para a divulgação das ideias e do trabalho, com a pandemia tornou-se a plataforma possível.

“Slam: voz de levante” (LOHMANN; D’ALVA, 2017), movimento que se espalhou pelo País, “antes da pandemia havia mais de 200 *slams*, em 20 Estados” (D’ALVA, 2020). Não sabemos o que será do *slam* no pós-pandemia. Neste período, alguns *slams* seguiram acontecendo em virtualidade, alguns deixaram de acontecer, outros aos poucos começam a retomar a presencialidade seguindo protocolos de segurança. Mas o fato é que a vida foi completamente abalada. Vemos a fome crescendo agravada por desastres ambientais e violências sociais contra as “vidas descartáveis” (BUTLER, 2018) e o “anúncio de uma política oficial do extermínio estampada no *Caveirão*” quando sobe a quebrada (LEAL, 2021b, p. 142), balas perdidas que encontram alvo negro e dizem povos originários. De acordo com Rolnik (2018), nessa versão do neoliberalismo, é a própria potência de vida que está sendo soterrada, o que a autora

chama de “o abuso da vida”, “não só da vida humana, ou da vida de uma região, mas do ecossistema do planeta como um todo” (ROLNIK, 2018, p. 174).

“A sirene vital está soando” (ROLNIK, 2018), algo precisa ser feito, é urgente e necessário revermos nossas políticas de encontros, nossas formas de nos relacionarmos entre nós e com o mundo. Neste contexto, a universidade tem um papel estratégico potencial na formação, no entanto, vale lembrar que a universidade também se encontra submersa na apatia do espanto de um histórico colonial contemporâneo, que se expressa também em cortes de verbas de educação e pesquisa, perseguições de discentes e interventores nas reitorias, assim como, pela imposição do eurocentrismo em seus currículos e saberes, repletos de homens brancos e mortos. É necessário que a universidade fortaleça e reinvente o seu papel social diante dos impasses que nos encontramos, repense a ética e os rigores científicos que transformam corpos em objetos de pesquisas, reinvente metodologias, amplie suas possibilidades de expressões. Optamos pelo singelo ato da escuta para mobilizarmos nosso pensamento em ação.

Corazonar um território: alinhavos poéticos metodológicos

Esta conversa entre *slam* e universidade fala desse momento pandêmico. Um território de fronteiras digitais. Quem puxa o fio da prosa são *slammers*, que expressam sua poesia e pensamento em *podcasts*. “O *podcast* é o retorno da voz” (D’ALVA, 2020), “tecnologia reprodutora de oralidade” (FREIRE, 2017, p. 65), que “surgiu associado ao aparecimento dos *blogs* no ambiente da *Internet*, mais especificamente aos *audioblogs* desenvolvidos a partir do ano 2000, utilizando gravações de áudio em formato *MP3*” (ARRUDA; SODRÉ; CARDOSO FILHO, 2021, p. 564). No Brasil, a partir de 2008, há um aumento em seu consumo, no entanto, “percorreu um caminho que lhe aproximou da educação, entretanto, ainda relativamente distante da Escola” (FREIRE, 2017, p. 65).

Imersas na imensidão da escuta buscamos “já ditos” que pudessem contribuir para ampliarmos nossos repertórios de corpo para o encontro, a formação e o cuidado. Da escuta atenta surgiram algumas questões provocadoras para a conversa: Que corpo se ensina como corpo na universidade? Que corpos vemos? Que corpos ouvimos? Que corpos podemos ser? Realizamos o que chamamos de “curadoria de já ditos”, uma escuta

que levou a outras, um vasto material que segue em análise. Apresentamos recortes em conversa dos seguintes *podcasts*, organizados por ordem de escuta:

- *Minas Pretas (2020)*: 9 episódios, envolvendo a escuta de 17 *slammers* negras que participaram do *Slam* da 8ª Festa Literária das Periferias (FLUP);

- *Pimenta no Cúir (2021)*: 9 episódios, envolvendo a escuta de 18 *slammers* LGBTQIA+, que participaram do *Slam* da 9ª FLUP;

- *Preta Galáctica (2021)*: Realizado por Midria, *slammer* que também participou do #2 episódio de *Minas Pretas*, realiza “uma jornada galáctica para dentro das brisas de uma aquariana, poeta, taróloga e estudante de Ciências Sociais”, envolveu a escuta dos episódios: #2 *tornar-se sujeita de si, tornar-se sujeita do mundo*, e #3 *Pesquisar a si mesma na academia*.

- *Slam Rotina (2020)*: envolve a escuta de 10 minas do *Slam das Minas/RS*.

O material foi escutado e catalogado em pastas, as falas que saltaram aos ouvidos foram transcritas. Voz que virou escrita. Apesar de serem falas públicas, todas/todes *slammers* foram contatadas/es para validação de seus “já ditos”.

O primeiro *podcast* escutado foi *Minas Pretas*, no primeiro dia do isolamento social, durante a ida ao supermercado para comprar mantimentos para ficar em casa. Percebemos que tínhamos um campo aos ouvidos. A experiência serviu como ensaio de campo para a escrita do projeto de tese, a ideia de trabalhar com *podcast* apareceu como bem-vinda pela banca examinadora (em virtualidade). Desta forma a escuta foi se ampliando.

Corazonar um território pela escuta. “*Corazonar*”, termo inspirado nas lutas dos povos indígenas e afrodescendentes da América Latina, “uma forma amplificadora de ser-com, pois faz crescer a reciprocidade e a comunhão (... é um sentir-pensar que junta tudo aquilo que as dicotomias separam. É o ato de construir pontes” (SANTOS, 2019 p. 154). O coração como uma opção metafórica para ampliar a visão, tão frequente na ciência e na filosofia (ZAMBRANO, 2008, p. 64). O coração como metáfora para atravessar o espanto. Os caminhos de pesquisa foram construídos em ato, com inspiração metodológica na cartografia (KASTRUP, 2007), na etnografia do “ser afetado” de Jeanne Favret-Saada (SIQUEIRA, 2005) ou na espantografia (PUCHEU, 2021b).

Passeamos em um voo pela escuta, realizamos um movimento de “rastreamento”: “gesto de varredura de campo” (KASTRUP, 2007, p. 18), “o olho tateia, explora, rastreia, o

mesmo podendo ocorrer com o ouvido ou outro órgão” [como o coração, por exemplo] (KASTRUP, 2007, p. 18). Por entre as vozes dos *podcasts*, “algo se destaca e ganha relevo”, “é o toque” (KASTRUP, 2007, p. 19), que antecede o “gesto do pouso” ou movimento de pouso, o qual “indica que a percepção, seja ela visual, auditiva ou outra, realiza uma parada e o campo se fecha, numa espécie de *zoom*. Um novo território se forma, o campo de observação se reconfigura. A atenção muda de escala”, e que “se organiza momentaneamente um campo” (KASTRUP, 2007, p. 19).

Organizamos a escuta em quatro movimentos de pouso e seus efeitos-escuta: 1) a arena de *slam* como professora; 2) aguçar os sentidos para a escuta; 3) costurar uma língua que faça pontes; 4) territórios comuns em composições provisórias. Movimentos que são provisórios, abertos ao contato e a improvisação. Movimentos que se misturam, se embaralham e se complementam em um mesmo voo, um território que é vivo e que se atualiza no tempo.

Movimento um: a arena de *slam* como professora

Efeito-escuta: ser aprendiz, tomar a arena de *slam* como professora e *slammers* como referência.

Dialogar com o *slam* é abrir-se para um vasto material produzido: artigos, filmes, vídeos, livros, *zines*, teses, dissertações, trabalhos de conclusões etc. Aproveitamos para reforçar que este ensaio não versa sobre o *slam* especificamente, tampouco sobre *slammers*, isso já é feito. Trata-se de uma conversa entre *slam* e universidade.

A conexão entre *slam* e educação já acontece há mais tempo. *Slam*, poesia e performance, como ferramentas para a educação, para a expressão, para atingir lugares outros, “a gente tá conseguindo vir com uma arte de rua fazer com que eles escrevam, o que eles quiserem. Dá para pensar a língua portuguesa mesmo como matéria, sem impor sobre o que eles vão escrever”, comenta Tawane Theodoro (2020), sobre sua experiência no *slam* interescolar/SP – projeto que acontece desde 2014, idealizado por Emerson Alcalde, com inspiração na experiência das escolas parisienses, “as/os professoras(es) foram sacando a importância do *slam* no auxílio de matérias como Português, História, Geografia e Artes” (ALCALDE, 2022). No ano de 2021, o projeto recebeu o prêmio Jabuti, na categoria de Fomento à Leitura no eixo Inovação.

Um dos temas que não tinha na minha época e nem na escola se falava, por exemplo, era sobre depressão, saúde mental, suicídio, Setembro Amarelo, que aparece muito nas poesias e nas escolas do *Slam Interescolar*. Na praça, é mais política, racismo, polícia. (ALCALDE, 2022)

“A performance de poesia é uma ferramenta de ensino tão boa que faz as pessoas adorarem poesia” (SMITH, 2021). “A poesia permite conhecer meu aluno, o que está dentro”, comenta Natália Pagot (2021), colega de linha de pesquisa, *slammer*, participou do episódio #5 de *Pimenta no Cúir* e compõe o movimento cultural Poetas Vivos – o movimento cultural também realiza oficinas de educação/formação/ para uma educação antirracista como o projeto *Formando Multiplicadores de Cidadania*, realizado durante a pandemia com recursos da *Lei Aldir Blanc*, experiência que também costura a pesquisa.

Adentrando à educação, a conversa entre *slam* e universidade também já é uma realidade. Seja na quantidade expressiva de *slammers* que ocupam ou ocuparam as salas de aulas das universidades como discentes, ou que realizam atividades junto às universidades, seja pelos corredores, saguões ou outros espaços, como disse Bixarte (2021), no episódio #2 de *Pimenta no Cúir*:

Foi fruto de muito trabalho chegar até aqui, quando eu comecei a identificar que eu estava começando a acessar certos espaços que meu corpo geralmente não acessa, eu não estou dentro da universidade, eu não passei no ENEN, mas eu estou dentro das universidades dando palestras.

O *slam* na universidade também apareceu como um espaço de aquilombamento, como na experiência do USPerifa na Universidade de São Paulo (USP), trazida por Midria em seu *podcast*:

Aí eu e mais dois amigos pensamos o USPerifa, que é uma competição de poesia, no molde tradicional dos slams pra receptionar a galera que estava chegando por cotas etnoraciais, o slam se torna um espaço muito maior do que a gente imaginava, ele se torna um quilombo mesmo, esse processo de aquilombamento do USPerifa foi o maior presente que a gente poderia ter e eu não imaginava que aconteceria na universidade. (MIDRIA, 2021)

Essa conversa entre *slam* e universidade também trouxe com força para pauta, as políticas afirmativas e as demandas que entram para a universidade junto com a ampliação do acesso:

Há limitações da academia: de referencial branco, número muito baixo de docentes negras, quando a gente pensa cotas tem os dados recentes, mas a gente ainda não está, esses números são recentes e não refletem uma mudança estrutural, dessa estrutura da academia,

não é só estar lá, a gente tem que mudar as bibliografias, a gente tem que se tornar referência em áreas de pesquisa, a gente tem que resgatar as nossas e os nossos que foram apagadas da história, eu to entrando não só pelas que não entraram, mas também por aquelas que entraram e foram apagadas. (MIDRIA, 2021)

As cotas estão aí! A gente vê a mudança. E a cultura da universidade está acompanhando? O carteiraço também funciona na universidade? Como é a paridade dos espaços de participação da universidade? Quais os interesses que estão em jogo? (PAGOT, 2021)

No entanto, não é só acesso. É necessário chegar nas estruturas coloniais que edificam historicamente as universidades, “A USP foi pensada para a elite cafeeira na década de 20, então não era para eu estar lá, para minhas ancestrais estarem lá, a gente está nadando contra a corrente, contra o próprio curso que a história havia pensado para a gente” (MIDRIA, 2021), Nesse ponto, Federici enuncia que para buscarmos “comuns” na universidade, “temos que questionar as condições materiais, sua história e sua relação com as comunidades que a rodeiam” (FEDERICI, 2020, p. 151). “A academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a (KILOMBA, 2019, p. 51).

Ao adentrarmos às estruturas colonial-cis-hétero-patriarcais que edificam também às universidades, outro ponto que apareceu nos *podcasts* tem a ver com as metodologias de pesquisas utilizadas, falas que falam da necessidade de um giro ético no sentido de descolonizar as pesquisas e quem pesquisa, como aponta o referencial teórico que dialogamos no grupo de pesquisa (MALDONADO-TORRES, 2019, SANTOS, 2019), mas sobretudo, retomaram na escuta:

Eu me sinto indo além do trabalho acadêmico, não é um ir além por tirar o rigor científico da minha pesquisa, ao contrário, até aumenta o rigor, é um envolvimento espiritual, acho que a academia tem muito a ganhar com essa perspectiva, porque a gente está cada vez mais distante da sociedade, a academia cavou sua própria cova, é pensada do modo branco, a própria universidade. (MIDRIA, 2021)

Fazer mestrado e doutorado também tem a ver com isso, porque entrar na academia é uma forma de se legitimizar, de se posicionar, porque senão seguiremos objetificadas por pessoas que contam narrativas e vão ganhar crédito com a gente, temos que ganhar nosso próprio crédito. (LUNA VITROLIRA, 2020)

Slam e universidade, são espaços de circulação de conhecimentos, ao conversarem se articulam em “Ecologia de Saberes” (SANTOS, 2019, p. 59). Um diálogo que se propôs a evitar polaridades para encontrar complementaridades, o que habita *entre*. Neste sentido, outro ponto que saltou aos ouvidos, tem a ver com a forma que os conhecimentos

circulam nestes espaços, assim como, quem tem espaço de fala, quem pode compor os espaços avaliativos e o papel do público na arena. Ao tomarmos a arena como professora, também nos questionamos em relação a proporcionalidade do tempo para fala, assim como, o próprio lugar da oralidade.

Na universidade há uma hierarquização da escrita como conhecimento válido, embora também se fale muito, não há valorização da oralidade. Um conhecimento medido por titulações, como por exemplo, quem pode compor as arenas de uma banca examinadora de doutoramento na universidade? “Como dar espaço à performance em contextos em que predominam os conhecimentos não-performativos e como valorizar a presença de conhecimentos orais em contextos dominados por conhecimentos escritos?” (SANTOS, 2019, p. 93). A universidade precisa se abrir para outras expressões. Não para acabar com o lugar da escrita, mas para ampliá-la.

Movimento dois: aguçar os sentidos para a escuta

Efeito-escuta: identificar os bloqueios da escuta como um processo contínuo.

Tomar a arena como professora envolve também aprender a escutar. Um movimento que se desdobra em outro como uma dança. Para que seja conversa, precisa haver escuta. Para que haja escuta de fato, precisamos identificar os bloqueios, ajustar a sintonia para ondas sonoras não audíveis aos ouvidos padrões. Para ampliarmos as possibilidades de conjugações dos verbos “escutar” e “ouvir”, trouxemos a conversa entre Ivone Gerbara e Débora Diniz, *Esperança feminista em 12 verbos*, na qual o primeiro foi “ouvir” e o último “desobedecer”. A conversa aconteceu em *lives*, em algumas sextas-feiras à noite do primeiro ano de pandemia. Verbos que também compõem essa escuta. Disse Gerbara no início de sua fala: “não é óbvio que ao ouvir nós escutemos”, “a palavra *escutar* vem do latim *auscultāree*, que é uma coisa muito mais intensa, da percepção das vibrações, da voz, do corpo, como se eu fosse auscultar o coração para conhecer o seu íntimo”, ouvir para além dos ouvidos” (GERBARA, 2020). “Escutar/ler diz respeito a um estado de sensibilidade, uma capacidade de ser afetado” (LEAL, 2021b, p. 155). A escuta para além do método. A escuta como ética.

Sobre o *slam* e a escuta:

A gente sente pulsar a energia de dentro para fora da roda, ninguém sai ileso depois de colar no *slam* das minas, ninguém sai ileso depois de colar em qualquer *slam*, é um espaço primeiramente de escuta, de olhar para o que o outro está dizendo com carinho, e depois um lugar para a gente florir, sair da zona de conforto, mexer nosso corpo, nossa alma para se sentir viva. (JULIANA LUISE, 2020)

Que corpos têm suas vozes ouvidas? A escuta dos episódios dos *podcasts* também falam disso, palavras encarnadas da experiência ancestral de silenciamento e apagamento.

Como acadêmica, por exemplo, é comum dizerem que meu trabalho a cerca do racismo cotidiano é muito interessante, porém não muito científico. Tal observação ilustra a ordem colonial na qual intelectuais negras/os residem: “você tem uma perspectiva demasiado subjetiva”, “muito pessoal”; “muito emocional”, “muito específica”; “Esses fatos são objetivos?”. Tais comentários funcionam como uma máscara que silenciam nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro como a norma. (KILOMBA, 2019, p. 51-52)

O fragmento acima fala da experiência de Kilomba, mas também fala das escutas recorrentes, tanto nos *podcasts*, como nos corredores da universidade. “Precisamos repensar nossas políticas de escuta” (LEAL, 2021b, p. 161); “trata-se, mais profundamente, de questionar a geopolítica colonial da escuta” (LEAL, 2021b, p. 157); ouvir escutas soterradas, ouvidos ensurdecidos pela branquitude, “evitar focar o branco é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio (BENTO, 2002, p. 3).

Trouxemos recortes dos *podcasts* como provocações para (re)pensarmos nossa política de escuta e as fronteiras do ser, passando por corpos que compartilham da experiência de perceberem os bloqueios das escutas alheias em relação à suas vozes:

Eu como um corpo trans, chego no *slam*, que se não for trans, é majoritariamente cis, aí eu chegava no *slam*, mandava minhas poesias, eu sentia zero escuta, muitas vezes minhas questões de trans não conseguem penetrar a barreira política que existe na escuta. (LEAL, 2021a)

Um dia saindo do trabalho, passei pelo centro da cidade, tava acontecendo uma roda de *slam*. De onde eu estava não ouvia, mas eu via que tinha um menino negro falando e pessoas em volta dele ouvindo. Aquilo me chamou atenção, porque pessoas negras dificilmente são escutadas, de longe não me parecia violento, fiquei curiosa para saber o que ele dizia e que as pessoas ouviam tão curiosas, quando eu me aproximei, tomei um choque, era poesia, poesia marginal, era as coisas que eu experienciava diariamente, e aquilo me tocou muito. (AGNES MARIÁ, 2020)

O *slam* bebe do hip hop, eu já fui em vários *slams* que acontecia as batalhas de rima, que é um espaço muito dominado por homens (...) eu tenho certeza que se eu for no *slam* e tiver um jurado homem e eu falar algo que não seja de racismo, ou eu falar de algo que diz respeito somente a mulher, ele não vai me dar uma nota boa. (MARIA DUDA, 2020)

Eu concordo muito com o que disse Duda, a gente acaba ficando muito vulnerável nessa questão com os jurados. (LUNA VITROLIRA, 2020)

A língua de sinal é uma língua, não é uma linguagem, porque eu tenho voz nas minhas mãos, é uma linguagem poética, os ouvintes sentem, por conta da língua de sinal, porque tem o mesmo peso. Os ouvintes olham o texto, se emocionam, sentem (...). Eu escrevo minha poesia pensando a sociedade ao contrário, com a pessoa surda dentro, como a surda/o surdo percebem a sociedade, nos sons das coisas, eu me inspiro nisso, em falar das minorias, da falta de inclusão que temos. (NEGABI, 2020)

Ao tomarmos a arena de *slam* como professora, não estamos dizendo que este é um modelo “perfeito” a seguir. O *slam*, assim como a universidade, também se edifica sobre essas estruturas que estruturam a sociedade, mesmo sendo um espaço que faz balançar as estruturas dos poderes, também os reproduzem: bloqueios de escuta, escutas que entram atravessadas e influenciam na nota, no julgamento, na percepção e recepção.

Se partimos do desejo de ouvir mulheres, a escuta transbordou em “mulheridades”, termo que trouxemos de Letícia do Nascimento (2021), “*mulheridades* e não *mulher*, no singular, para demarcar os diferentes modos pelo quais podemos produzir estas experiências sociais, pessoais e coletivas” (NASCIMENTO, 2021, p. 25). O próprio *Slam das Minas*, porta de entrada desta escrita, tensiona fortemente essa fronteira do ser mulher, do ser. “Nesse sentido, o termo *mulheridades* aponta para os processos de produção social dessa categoria” (NASCIMENTO, 2021, p. 25).

Movimento três: costurar uma língua que faça pontes

Efeito-Escuta: para transformar há que suportar o incomodo da costura.

Diz a poesia:

Vai deita, deita, com teus privilégios no chão e põe a mão na consciência. É muito fácil falar com casa, faculdade paga e comida na mesa, não se fala de boca cheia. Então deita, deita, deita no chão e fecha a boca (...) Abracadabra, entrei pro livro, rádio e internet e to dentro da tua casa, isso é um assalto, to dentro da tua casa (...) tiro de letra marginal (...) vai, vai, vai passar mal, é artigo acadêmico premiado no jornal com a nossa desgraça, enquanto na praça mais um cai (...) a bala era para ser perdida, mas por mim foi achada e pela polícia apreendida, na cabeça de uma criança preta vai ser encontrada pelo legista, acabou, vocês estão em dívida. (AGNES MARIA; VALETINE, 2020).

A poesia de Agnes Mariá e Valentine, que encerra o episódio #6 de *Minas Pretas*, retorna como incômodo nos ouvidos em diversos momentos da escrita. A frase “você estão em dívida” ecoa, gera vergonha pelo que foi e ainda é, os privilégios ficam evidentes, como efeito da luz negra na pele branca. A vergonha compõe um dos

“cinco mecanismos distintos de defesa do ego pelos quais o sujeito branco passa a fim de ser capaz de “ouvir”, isto é, para que possa se tornar consciente de sua própria branquitude e de si própria/o como perpetradora/perpetrador do racismo. negação; culpa; vergonha; reconhecimento; reparação.” (KILOMBA, 2019, p. 43)

A reparação passa pela escuta, mas também passa pela costura de uma língua que faça pontes, que não exclua existências, uma gramática que se atualize para dar conta da vida que se amplia. A língua que “como o desejo, rebenta, se recusa a estar contida dentro de fronteiras” (HOOKS, 2017, p. 223). Para costurar uma língua é necessário “suportar o mal estar” (ROLNIK, 2018) da costura para que as pontes se ergam. O mal estar foi um dos efeitos-escuta inicial em relação aos *podcasts*, seguido pela sensação de ausência de língua para falar das sensações que tocavam o corpo. A branquitude assim com bloqueia a escuta também trava a língua.

Os falantes, precisamente, não criam a língua – já a encontram pronta. Podem, porém, tentar descobrir suas leis, os critérios que presidem a sua antiquíssima e divina criação. Como sugere Sócrates, é necessário, todavia, proceder com cautela, sem se deixar arrastar pelo turbilhão de etimologias e tendo em mente o processo de contaminação e desenvolvimento histórico da língua. (CAVARERO, 2011, p. 75)

Além da colonialidade, outro bloqueio da escuta que reverbera em trava-língua são as estruturas cis-heteropatriarcais. Neste sentido, o *podcast Pimenta no Cúir* traz uma denúncia importante: a expectativa de vida de uma pessoa trans/travesti é de 35 anos! Corpas que ainda encontram acessos negados e dificultados no mundo da educação, do trabalho, dos direitos, dos afetos, da dignidade da vida. “Nós somos empurradas todo o tempo para a prostituição, o tempo todo dizem, tu não vai ter emprego” (VALENTINE, 2020). O Brasil é o país que mas mata pessoas travestis/trans no mundo, no entanto, vale lembrar que desde 2019 a transfobia é considerada crime no País, o que não impediu que a brutalidade seguisse. Talvez esse seja o grande desafio para uma formação que almeje o encontro e o cuidado, a sensibilização, pois as lei/regras só se efetivarão quando “ganharem vigência simbólica na consciência das pessoas” (SEGATO, 2020).

Os *podcasts* trouxeram a poesia como uma língua para existir, para atravessar, da transição capilar à transição de gênero, a poesia como língua para transitar entre as fronteiras, “desguarnecer as fronteiras” (PUCHEU, 2021b). A poesia apareceu como uma forma de existir, ser antes na poesia, através da poesia. A colonização cis-heteropatriarcal também é estética, nos lembra a professora Nascimento (2021), em seu livro *transfeminismo*, que começa com a pergunta: “e não posso ser eu uma mulher?”, retomando a questão que Sojourner Truth fez em 1851 nos Estados Unidos.

Sojourner, mulher negra, traz à tona o fato de que mulheres negras vivem suas feminilidades de forma diferente das mulheres brancas. E essa diversidade de experiências femininas tomará ênfase com os redimensionamentos em torno da categoria gênero. A interrogação de se nós, mulheres transexuais e travestis, somos ou não mulheres, é um martelar constante, dúvida produzida pelo não enquadramento de nossas experiências dentro do CISTema colonial moderno de gênero. (NASCIMENTO, 2021, p. 17)

A pergunta enunciada na voz da professora, aciona outras dimensões de “outridades” (NASCIMENTO, 2021, p. 93). As corpos travestis/trans não são invisibilizadas apenas na linguagem, suas corpos ainda são “patologizadas”, consideradas “mostruosidades”, amadas e sexualizadas na clandestinidade. Qual a fronteira entre a estética e o patológico? Quais corpos são dignos de intervenções? O tensionamento das fronteiras saúde/doença, estético/patológico também aparece na voz dos corpos gordos, que sofrem por terem curvas que transbordam a curva da normalidade, a métrica estabelecida para uma vida em sociedade, como denuncia a poesia de Checha Kadener (2020), representando o *Slam Argentina*, no *Abya Yala Poetry Slam*. As fronteiras da normalidade, da saúde e da doença, dos corpos dignos da vida, suas réguas e medidas precisam ser postas em conversa nas universidades, nas rodas de *slams*, nos almoços de família, nas mesas de bares, no congresso.

Movimento quatro: territórios comuns em composições provisórias

Efeito-escuta: encontrar comuns para além das competições

Esse movimento ressoa dos três anteriores, de modo que possibilite a criação territórios comuns em composições provisórias. “Trata-se de tecer múltiplas redes de conexões entre subjetividades” (ROLNIK, 2018, p. 141), bem como “corpos em aliança”

(BUTLER, 2018 p. 77), e “cujo elemento de união são embriões de mundo que habitam os corpos que delas participam, impondo-lhes a urgência de que sejam criadas formas nas quais tais mundos possam materializar-se completando assim seu processo de germinação” (ROLNIK, 2018, p. 141).

Criam-se com isso territórios relacionais temporários, variados e variáveis. Nesses territórios se produzem sinergias coletivas, provedoras de um acolhimento recíproco que favorece os processos de experimentação de modos de existência distintos dos hegemônicos, valorizando e legitimando sua ousadia. Tais experiências coletivas tornam mais possível o trabalho de travessia do trauma resultante da operação perversa do regime colonial-capitalístico, que confina as subjetividades nas formas e valores dominantes, marcadas pela expropriação do movimento pulsional. (ROLNIK, 2018, p. 141-142)

Tanto o *slam*, como a universidade também sofrem dos apelos competitivos do regime colonial-capitalístico, que busca apropriar-se dos saberes, das sensações, da própria pulsão de vida criativa que circula nesses espaços. Esses desafios e tensionamentos em relação ao *slam*, que atualmente, inclusive, ocupa propagandas e enredo de novela, apareceram na conversa entre Comikk, Alcalde, Estrela D'Alva e Smith, na mesa: *Jogo de Palavras – Como o Slam foi Criado e se Espalhou pelo Mundo*, durante a 10ª FLUP (2021), que teve a poesia falada como homenageada junto com Esperança Garcia. Na oportunidade, expuseram suas percepções relacionadas aos desafios atuais e tensionamentos do *slam* e *slammers*:

seu ego precisa fazer pontes para além do umbigo próprio. No *slam* também tem disso, pessoas que pensam só em si próprias, focadas na competição (...) eu não gosto muito da competição, porque ela infla o ego das pessoas (SMITH, 2021)

A fala acima também serve para pensarmos as universidades, “seus egos” e “umbigos próprios”. Na mesma conversa, Smith foi questionado sobre sua opinião em relação a expansão do *slam* também entre as pesquisas universitárias. Neste ponto, Smith advertiu, “as universidades são instituições e temos que ter cuidado com todas as instituições, porque elas institucionalizam as relações, dizendo como devem ser”. Desta forma, quando nos propomos a pensar universidade, precisamos olhar, escutar, sentir com atenção, as dimensões relacionais que estão em cena, que “disciplinam”, “normalizam” e “docilizam” os corpos, como já falava Foucault (2013) ao analisar o nascimento das prisões, mas que também poderia servir às universidades e demais instituições com seus mecanismos disciplinadores.

Se partimos da sensação de espanto em praça pública em uma arena de *Slam das Minas*, fomos arrebatadas pela escuta, transbordamos em “mulheridades” (NASCIMENTO, 2021), fronteiras que também transbordaram o geográfico, como no *Slam Abya Yala*, novidade do período pandêmico, a copa das Américas do *slam*, aconteceu na 10ª FLUP, valendo vaga para a final em 2022, apesar de não ter *podcast*, também compõe a conversa. Poesias que tocaram a escuta como uma reza, ritmos, línguas não dominadas pelo ouvido padrão se embaralharam no desejo de narrar outra história, de construir outras perspectivas discursivas sobre a América.

Um movimento que enseje comuns (FEDERICI, 2020), escuta também em “pretoguês” (GONZALES, 2020), considera a “amefricanidade” como uma categoria em conversa (GONZALES, 2020). O colonialismo patriarcal constituiu uma ciência prescritiva, não é cuidadosa e fechada ao encontro:

o “racismo se constituía como a “ciência” da superioridade eurocristã (branca e patriarcal), na medida em que se estruturava o modelo ariano de explicação que viria a ser não só o referencial das classificações triádicas do evolucionismo positivista das nascentes ciências do homem como ainda hoje direciona o olhar da produção acadêmica ocidental. (GONZALES, 2020, p. 129)

A ideia de compor territórios comuns não é para o isolamento hermético, mas para criar composições, alianças, para que possamos ter ideias para adiar o fim do mundo (KRENAK, 2020), sermos aprendizes de quem já resiste ao fim do mundo há muito tempo. Os territórios não são para criar um universal, um modelo a seguir, mas o oposto de tudo isso, é ampliação.

O lugar da universalidade não me interessa, o lugar da universalidade não deveria interessar a nenhuma de nós, porque é justamente esse lugar que nos oprimiu durante tanto tempo, mas que a gente tem a possibilidade de construção de outros mundos no momento que nos colocamos como sujeitas da realidade, que nos negado por tanto tempo. (MIDRIA, 2021)

Construir territórios como um jogo de *tetris* ao revés. Territórios que se constroem na desconstrução, na descolonização, da universidade, das relações sociais, afetivas, há que “descolonizar o inconsciente” (ROLNIK, 208), há que “descolonizar o amor” (HOOKS, 2020). Amor, em nome do qual tantas de nós seguimos a morrer. Violências que aumentam conforme a melanina, a etnia, a espiritualidade, as escolhas amorosas e sexuais. Precisamos falar de amor como questão urgente de educação e saúde coletiva, amor próprio para além dos “umbigos próprios”, em relação com o coletivo, no encontro

com. Encontrando formas cuidadosas de “se ajuntar” considerando o cenário pandêmico ainda presente.

Ajuntem-se nas salas de aula, numa orgia, em manifestações, em saraus y Slams, na minha casa ou na sua, aqui nessa sala, em um centro acadêmico, na praça Roosevelt (...) Precisamos nos ajuntar, pois é no ajuntamento que trocamos afeto, aumentamos nossas forças y reelaboramos a guerra civil de um ponto de vista ético e ontográfico. ajuntamento como uma forma de ex/orbitar o encontro. (LEAL, 2021 p. 151)

Arremates provisórios

Ao longo do ensaio trouxemos desfechos de uma conversa entre *slam* e universidade, uma conversa desprerenciosa com a pretensão de conhecer o que reverberaria *entre*, quando estes espaços fossem colocados em diálogo, que trouxesse contribuições para o encontro, a formação e o cuidado. Um tripé de intenções que atravessou a escrita. Uma pesquisa que aposta no potencial da conversa para encontrar brechas para atravessar a espantosa e assombrosa realidade que estamos. Pensar na universidade, estando na universidade e estando a universidade ruindo, submersa na incerteza do que virá, se as coisas seguirem como estão os prenúncios não são bons.

Uma conversa em movimento, tendo presente esses prenúncios dilacerantes que ceifam vidas. Que potências amorosas e esperanças ousadas, nos guie na tessitura da construção dos comuns, referências possíveis de criação de alternativas materiais e espirituais na contra-mão do tempo, da explosão de explorações e opressões que fazem parte da paisagem contemporânea. Disputar projetos generosos e democráticos de formação e cuidado com o sentido ético, estético e político são possibilidades que nos mobilizam na constituição de mundos possíveis.

Um diálogo que não foi sempre fluído, tropeçou na escuta, travou no momento da escrita, não encontrou língua para transpor em palavras o que já estava no corpo em sensações. Uma artesanaria constante de se (des)construir metodológica, ética e gramaticalmente. Um território construído pela escuta, o qual habitamos nesse momento adverso. A cada escuta atenta, mundos novos se abriam, novas referências nos foram apresentadas. De modo que, escutar *slammers* impacta na mulher que me torno todo dia, de dentro para fora e de fora para dentro. Aposto na conversa entre mulheres, que transborda em mulheridades e outridades, um território de verbo, que possa germinar e flor e ser ideias para adiar o fim do mundo.

Referências bibliográficas

- AGNES MARIA. Minas Pretas: Agnes e Valentine. In: PRETALAB. PretaPod(e). *Episódio 6*. 2020. Disponível em: <<https://www.pretalab.com/pretapode>>. Acesso em: 02 fev. 2022.
- ARRUDA, Rogério Pereira; SODRÉ, Elaine Leonara de Vargas; CARDOSO FILHO, Advaldo da Assunção. O Projeto de Extensão “Vozes da História” se reinventa com o Podcast “Vozes na Pandemia”. *Expressa Extensão*. ISSN 2358-8195, v. 26, n. 1, p. 559-573, jan-abr, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/19641>>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- ALCALDE, Emerson. Emerson Alcalde leva slam da periferia de SP a Prêmio Jabuti. In: *Terra*. 06 jan 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/comunidade/visao-do-corre/pega-a-visao/emerson-alcalde-leva-slam-da-periferia-de-sp-a-premio-jabuti,f7928e95519becea108412a69c654f14kgt8hnty.html?fbclid=IwAR3jBDVuvtAfOT_Imcqim9FQbKCCc1L4jNQgSN1TWgrgJmOuVOFzclIWZZ0>. Acesso em: 21 fev. 2022.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray, BENTO, Maria Aparecida (orgs.). *Psicologia Social do Racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 25-58. Disponível em: <<http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2022.
- BIXARTE. Pimenta no Cúir com Bixarte e Julian. In: *FLUP* (podcast). Episódio 2. 2021 Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/6AjYe5NVB5jnim9ZJ06CJ>>. Acesso em: 02/02/2022.
- BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1ª ed. 2018.
- CAVARERO, Adriana. *Vozes plurais: filosofia da expressão vocal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- D’ALVA, Roberta Estrela. Minas Pretas: Roberta Estrela D’Alva. In: PRETALAB. PretaPod(e). *Episódio 1*. 2020. Disponível em: <<https://www.pretalab.com/pretapode>>. Acesso em: 30 jan. 2022.
- DUARTE, Mel; RIBEIRO, Luz; ARAÚJO, Pam. Slam das Minas SP/Manifesto/ Torneio dos slams. In: *Slam da Guilhermina*. 2/04/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_e0NhADoKTE>. Acesso em: 23/02/2022.
- FEDERICI, Silvia. *Reencantar el mundo: el feminismo y la política de los comunes*. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2020.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento das prisões*. 41ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

- FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Podcast: breve história de uma nova tecnologia educacional. *Educação em Revista*, Marília, v. 18, n. 2, p. 55-70, jul.-dez., 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.36311/2236-5192.2017.v18n2.05.p55>>. Acesso em: 30 jan. 2022.
- GERBARA, Ivone, DINIZ, Débora. Verbro ouvir. Esperança feminista em 12 verbos. In: *Anis*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_gyiTn643qM>. Acesso em: 24 de fev. 2022.
- GONZALES, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2ª ed. 2017.
- HOOKS, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2020.
- JULIANE LUISE. *Slam Rotina* (podcast). Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/0JqgrPgRWry3pqnKer9Jiu>>. Acesso em: 27 fev. 2022.
- KADENER, Checha. Gorda – Slam Argentina. In: *Abya Yala Poetry Slam*, 27 de dezembro de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V3GjQANCLX0>>. Acesso em: 27 de fev. 2022.
- KASTRUP, Virgínia. O Funcionamento da Atenção no Trabalho do Cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*; 19(1): 15-22, jan/abr. 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/228351998_O_funcionamento_da_atencao_no_trabalho_do_cartografo>. Acesso em: 26 fev. 2022.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 1ª ed. 2019.
- KIKA SENA. Minas Preta: Minas Pretas: Jazz e Kika. In: *PRETALAB*. PretaPod(e). *Episódio 5*. 2020. Disponível em: <<https://www.pretalab.com/pretapode>>. Acesso em: 30/01/2022.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LEAL, Abigail Campos. Pimenta no Cúir com Abigail Campos Leal + Luiza Loroza. In: *FLUP* (podcast). Episódio 3. 2021a. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/63iisSXpvD3rQfUp3zykOx>>. Acesso em: 01 fev. 2022.
- LEAL, Abigail Campos. *ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero*. São Paulo: GLAC edições, 2021b.
- LOHMANN, Tatiana; D'ALVA, Roberta Estrela. *Slam: voz de levante* (filme). 2018.
- MARIA DUDA. Mins Pretas: Maria Duda e Luna Vitrolira. IN: *PRETALAB*. PretaPod(e). Episódio 3. 2020. Disponível em: <<https://www.pretalab.com/pretapode>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

- MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade: algumas dimensões básicas. Organizadores: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. In: *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2ª ed. 2019.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MIDRIA. *Preta Galáctica*. (podcast). 2021. Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/68hz50bQ8YeKQCEOH3ypHW>>. Acesso em: 27 fev. 2022.
- NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- NEGABI. Minas Pretas: Rafa Rasta e Negabi. In: *PRETALAB*. PretaPod(e). Episódio 4. 2020. Disponível em: <<https://www.pretalab.com/pretapode>>. Acesso em: 24 fev. 2022.
- PAGOT, Natália. *I Seminário Interseccionalidades e democracia nas escolas: o espaço da negritude*. In: Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Porto Alegre, 2021.
- PUCHEU, Alberto. Poemas para o Brasil de nosso tempo. In: *Festa Literária de Paraty (FLIP)*. Editora UFRJ e Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. 06 de fevereiro de 2021a. Disponível em: <<https://www.facebook.com/flip.paraty/videos/126474699336245/>>. Acesso em: 21/02/2022.
- PUCHEU, Alberto. *Espantografias: entre poesia, filosofia e política*. Brasília: C14. Casa de Edição, 2021b.
- ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1ª ed. 2019.
- SEGATO, Rita Laura. *Sesión inaugural del curso Políticas Universitarias para la Igualdad de Género*. TVUNAN. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-8fiE_3q7mw>. Acesso em: 20 jan. 2022.
- SIQUEIRA, Paula. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos De Campo*. São Paulo: 13(13), p. 155-161. 2005 Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>>. Acesso em: 24 fev. 2022.
- SMITH, Marc Kelly; KRAYNAK, Joe. *Take de Mic: The art of performance poetry slam, and the spoken word*. EUA: Sourcebooks Media Fusion. 2009.
- SMITH, Marc. Palavra Falada. Jogo de Palavras – Como o Slam foi criado e se espalhou pelo mundo. In: *10ª Festa Literária das Periferias*. FLUP. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c6UTq09i_k0>. Acesso em: 27 fev. 2022.

SLAM RESISTÊNCIA. *Documentário uma Ágora do Agora*. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9xvcLSj-Ico>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

TAWANE THEODORO. Minas Pretas: Tawane e Briela G. In: *PRETALAB*. PretaPod(e). Episódio 7. 2020. Disponível em: <<https://www.pretalab.com/pretapode>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

VITROLIRA, Luna. Minas Pretas: Maria Duda e Luna Vitrolira. In: *PRETALAB*. PretaPod(e). Episódio 3. 2020. Disponível em: <<https://www.pretalab.com/pretapode>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

ZAMBRANO, Maria. *Hacia un saber sobre el alma*. Alianza editorial: Madrid, 2008.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Recebido em 01/03/2022

Aceito em 23/06/2022

ⁱ **Renata Castro Gusmão** é Doutoranda em Educação, Mestra em Saúde Coletiva, Nutricionista. **E-mail:** renatagusmao.poa@gmail.com

ⁱⁱ **Maria Elly Herz Genro** é Doutora em Educação pela UFRGS. Docente da Faculdade de Educação e do Pós-Graduação em Educação da UFRGS. **E-mail:** mariaherz.1305@gmail.com